

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): DESIRÉE SANT ANA HAIKAL, TATIANA ALMEIDA DE MAGALHÃES, ROSÂNGELA RAMOS VELOSO SILVA, VINICIUS EVANGELISTA CARLOS DA MOTA, LUCAS HENRIQUE SOARES RIBEIRO, MARTA RAQUEL MENDES VIEIRA, JAIRO EVANGELISTA NASCIMENTO

Avaliação da qualidade de vida, características sociodemográficas e ocupacionais dos professores da rede básica: Projeto Profsmoc

Introdução

A automedicação é uma prática comum no Brasil, é definida como uso de medicamentos sem prescrição médica, onde o próprio paciente decide qual fármaco utilizar (PAULO e ZANINE, 1998). Trata-se de um procedimento caracterizado fundamentalmente pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas. Inclui-se nessa designação genérica a prescrição (ou orientação) de medicamentos por pessoas não habilitadas, como amigos, familiares ou balconistas da farmácia, nesses casos também denominados de exercício ilegal da medicina (PAULO e ZANINE, 1998). Outro termo utilizado é a automedicação orientada, que se refere à reutilização de receitas antigas sem que elas tenham sido emitidas para uso contínuo (PAULO e ZANINE, 1998). Desse modo, o presente trabalho teve como objetivo apresentar um estudo descritivo sobre automedicação em função das variáveis sociodemográficas e ocupacionais de professores da educação básica da rede estadual de ensino de Montes Claros-MG.

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo, realizado com professores da Educação Básica (Ensinos Fundamental e Médio) distribuídos nas escolas da Rede Estadual de Ensino na zona urbana de Montes Claros – MG. A amostra foi definida por meio de cálculo amostral para populações finitas, considerando a prevalência do evento de 50%, nível de confiança de 95%, erro padrão de 5%, $Deff=2$ e acréscimo de 10% para compensar possíveis perdas. A seleção da amostra foi do tipo probabilístico por conglomerados em um único estágio (escolas). A amostra final estimada foi de 700 professores distribuídos em 35 escolas, porém este estudo apresenta apenas dados parciais, uma vez que a coleta de dados ainda não foi finalizada. Todos os professores das escolas participantes, aleatoriamente selecionadas, são convidados a participar. O critério de inclusão foi estar em exercício da função docente há pelo menos um ano. Foram excluídos professores aposentados, em desvio de função ou de licença por qualquer natureza. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário autoaplicável e avaliações físicas dos professores, incluindo aferição de variáveis antropométricas (peso, estatura, circunferência de cintura, circunferência de quadril), composição corporal obtida por bioimpedância, avaliação da pressão arterial, mensuração da força manual e análise acústica da voz.

Este estudo contemplou variáveis relativas à automedicação, sexo, cor de pele, estado civil, faixa etária, tempo de docência, utiliza o SUS, utiliza o IPSEMG, utiliza plano saúde privado. Os dados foram analisados através da estatística descritiva, utilizando o programa *Statistical Package for Social Science (SPSS)*, versão 18.0. O projeto dessa pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes, tendo sido aprovado por meio do parecer consubstanciado nº 1.293.458¹.

Resultados/Discussão

Até o presente momento foram avaliadas 19 escolas, totalizando 400 professores, sendo 358 (89,5%) regente e o restante ocupando cargos de professor de apoio, eventual, supervisor, sala de recursos e interprete de libras. A média de idade foi 40,9 ($\pm 9,6$) anos, variando de 22 a 67 anos. A renda familiar média foi de R\$ 4.538,00 ($\pm 3.269,81$).

A frequência de automedicação (usa medicamentos não prescritos por um profissional da saúde), foi avaliada em 397 professores, sendo que 193 responderam que Raramente ou nunca se automedicam, 174 responderam que às vezes e 30 Muito frequentemente ou sempre, os percentuais estão ilustrados no Gráfico 1. A frequência de automedicação foi categorizada em dois grupos (Raramente/nunca e Às vezes/Muito frequentemente/Sempre) para ser descrita em função de variáveis sociodemográficas (Tabela 1).

Em estudo semelhante realizado na população adulta em Floriano, Piauí, mais de 96,9% dos entrevistados declararam ter usado medicamento sem prescrição em algum momento de sua vida. Prevalência mais elevada que a encontrada para a população de Guairaçá, Paraná (74,7%) (ARAÚJO e VICENTINI, 2007). A prática da automedicação foi realizada por homens e mulheres de Floriano, sem diferença entre os sexos. Por outro lado, em estudo realizado por TOMASI *et al.*, (2007) a automedicação foi mais prevalente no sexo feminino. Não se observou diferença significativa na prevalência de automedicação dos participantes em relação a idade, situação conjugal, número de residentes no domicílio, escolaridade, renda familiar ou individual, e isso sugere que outras explicações estão envolvidas nessa prática. As classes de medicamentos mais consumidas pelos entrevistados nos três meses que antecederam a pesquisa

¹ Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes, parecer nº 1.293.458.

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X



foram representadas por analgésicos e anti-inflamatórios, representando 64,1% dos medicamentos consumidos. Resultados semelhantes também foram encontrados em estudo com população urbana de Juiz de Fora, Minas Gerais, em que esses grupos de medicamentos usados na automedicação constituíram proporção de uso correspondente a 40,3% dos medicamentos consumidos (FERRAZ *et al.*, 2008). O maior consumo dos analgésicos pode estar relacionado não apenas ao controle da dor, como também à disponibilidade desses medicamentos no domicílio, ao fácil acesso e à diversidade desses produtos nas prateleiras das farmácias (PEREIRA e LIPPI, 2009). Nesse sentido, entre os adultos de Florianópolis, a dor foi o principal motivo de automedicação, sendo mais citadas as dores de cabeça e as dores musculoesqueléticas. Resultados semelhantes foram observados na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, onde a dor de cabeça foi referida como principal motivador para automedicação por 66% dos pesquisados (VITOR *et al.*, 2008).

Esses resultados apontam semelhanças sobre os nossos estudos que também indicam a automedicação entre os professores das escolas públicas entrevistadas. Nesse sentido, futuramente essa pesquisa contribuirá para maior entendimento dos fatores que influenciam na automedicação dos professores em relação ao gênero, faixa etária diferente, nível econômico, entre outros fatores. Esse trabalho também possui o objetivo de informar sobre os perigos da automedicação, uma vez que pode acarretar o agravamento de uma doença, e também esconder determinados sintomas.

Conclusão

A partir dos dados coletados, até o presente momento, pode-se concluir que a automedicação dos professores da rede pública, apresentam frequências elevadas, em ambos os sexos. Na maioria dos casos não se tem costume de se automedicar regularmente, porém acontece às vezes. Os resultados apresentados contribuirão para a ampliação da discussão acerca do tema e para a promoção de saúde entre esses profissionais da rede pública de ensino, enfatizando o perigo da automedicação para exercer suas atividades profissionais e de vida diária.

Agradecimentos

Agradecemos aos professores participantes do projeto *ProfsMoc*, à FAPEMIG, ao CNPq e à Unimontes pela concessão de bolsas.

Referências

- ARAÚJO, J. J. C.; Vicentini, G. E. Automedicação em adultos na cidade de Guairacá-PR. *Arq Ciências Saúde UNIPAR*. v. 11, p. 8-83, 2007.
- FERRAZ, S. T. *et al.* Comportamento de uma amostra da população urbana de Juiz de Fora-MG perante a automedicação. *HU Rev.* v. 34, p. 90-185, 2008.
- PAULO, L. G.; ZANINE, A. C. Automedicação no Brasil. *Rev. Ass. Med. Bras.*, v. 34, p. 69-75, 1988.
- PEREIRA, G. P. G.; Lippi, U. G. Avaliação da dor oncológica no câncer de mama metastático. *Rev Dor*. v. 10, p. 301-306, 2009.
- TOMASI, E. *et al.* Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. *Rev Bras Epidemiol*. v. 10, p. 66-74, 2007.
- VITOR, R. S. *et al.* Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. *Ciênc Saúde Coletiva*. v. 13(supl.), p. 43-737, 2008.



Gráfico 1: Frequência percentual de automedicação em professores da educação básica da rede pública de ensino de Montes Claros-MG em Outubro de 2016. (n=397)

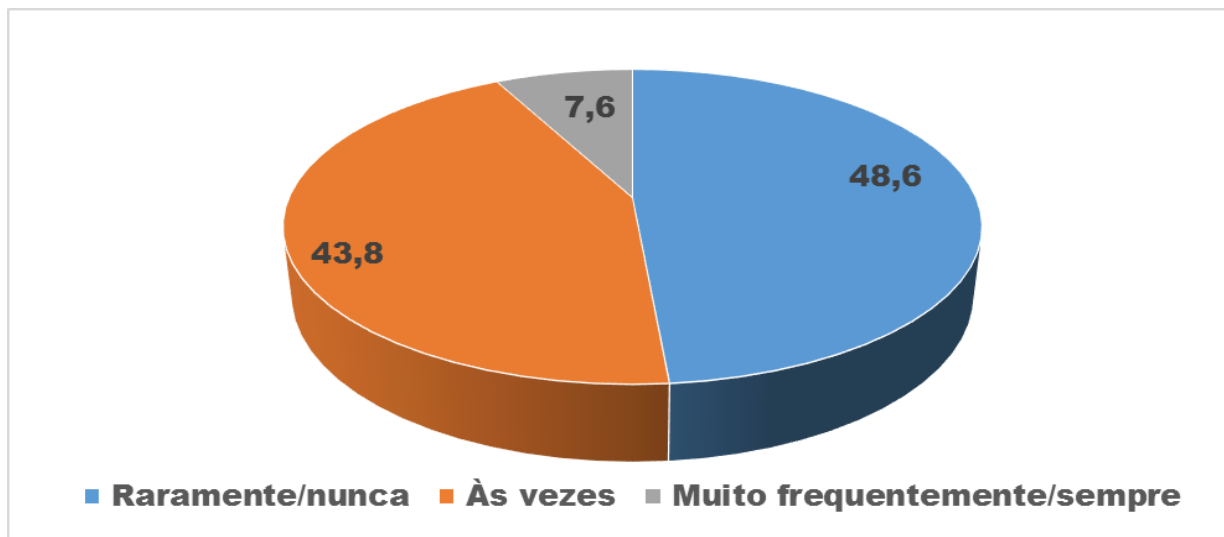


Tabela 1: A frequência de automedicação em função das variáveis sociodemográficas e ocupacionais de professores da educação básica da rede estadual de ensino de Montes Claros-MG em outubro de 2016. (n=397)

	Automedicação	
	Raramente/nunca n (%)	Às vezes/Muito frequentemente/Sempre n (%)
Sexo		
Masculino	48(61,5)	30(38,5)
Feminino	145(45,5)	174(54,5)
Cor da pele		
Branca	58(49,2)	60(50,8)
Negra	17(50)	17(50)
Parda	111(47,8)	121(52,2)
Amarela (ocidental)	7(58,3)	5(41,7)
Indígena	0(0)	1(100)
Estado Civil		
solteiro(a)	49(48,5)	52(51,5)
divorciado(a)/viúvo(a)	23(50)	23(50)
solteiro(a)	49(48,5)	52(51,5)
Faixa Etária		
22 a 40 anos	87(44,4)	109(55,6)
41 a 60 anos	100(51,5)	94(48,5)
>= 61 anos	6(85,7)	1(14,3)
Tempo de Docência		
1 a 10	90(46,6)	103(53,4)
11 a 20	56(46,7)	64(53,3)
>= 21	46(55,4)	37(44,6)
Utiliza o SUS		
Sim	80(49,7)	81(50,3)
Não	113(48,1)	122(51,9)
Utiliza o IPSEMG		
Sim	125(46,8)	142(53,2)
Não	67(52,3)	61(47,7)
Utiliza Plano Saúde privado		
Sim	54(50)	54(50)

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Realização:



Apoio:



Não

139(48,1)

150(51,9)